

Pode-se considerar que o que o livro tem de mais importante é a apresentação e análise da religião grega a partir da documentação disponível, sem cair num descritivismo estéril, mas submetendo essa mesma documentação a leitura criteriosa e inteligente, com o suporte das teorias mais atuais da arqueologia, antropologia, história das mentalidades e da religião, sem concessões a fantasias. Assim, o objetivo que se propuseram as autoras conquista-se a contento. Como resumem elas mesmas, na conclusão do livro,

"montrer que la religion des Grecs était "autre", qu'elle avait ses catégories et ses références propres et qu'il fallait la définir par rapport aux valeurs de la cité dans le cadre de laquelle ses structures se sont imposés"; ao mesmo tempo, também demonstrar que

"les croyances des Grecs étaient fonction, comme dans toute civilisation, de catégories psychologiques qui organisaient leur perception du monde et que le malentendu pouvait naître, dans l'analyse de leurs conceptions religieuses, d'une mauvaise appréciation de ces catégories, confondues avec les nôtres" (Zaidman & Schmitt-Pantel, 1991, p. 160).

Resta apenas esperar que *La religion grecque* não tarde a ser traduzida para o português, colocando-se assim à disposição do leitor brasileiro, sobretudo do público universitário, para que se possa dispor de uma introdução sólida, ampla, bem documentada e atual a tema tão instigante, que infelizmente tem-se prestado, entre nós, a muita elucubração fantasiosa.

JACYNTHO LINS BRANDÃO
Departamento de Letras Clássicas
Faculdade de Letras
Universidade Federal de
Minas Gerais

**LEXICON ICONOGRAPHICUM
MYTHOLOGIAE CLASSICAE. V:
HERACLES - KENCHRIAS.**

2 Vols. Encadernado. Vol 1: texto, XXIX - 1047 p. Vol 2: pranchas, 709 p., com 657 pranchas. Zürich - München: Artemis Verlag, 1990.

A publicação do LIMC V efetivou-se no ano de 1990 e compreende os verbetes que vão de HERAKLES a KENCHRIAS.

A documentação relativa ao herói HERAKLES é a continuação daquela já publicada no LIMC IV. O volume V também apresenta uma vasta documentação sobre o herói, a qual se conclui com o Héracles etrusco: HERCLE.

Afora os verbetes que vão de HERAKLES a KENCHRIAS, o LIMC V traz ainda um adendo com os verbetes EPONA, GALATEIA, HELIOS, HELIOS (in periferia orientali) e HELIOS/USIL.

O LIMC V agrupou coincidentemente um conjunto de personagens mitológicos que demonstra a importância e a influência do teatro grego no florescimento do seu repertório iconográfico, principalmente das figurações veiculadas nos vasos cerâmicos do sul da Itália. Desse modo, personagens como Hipólito, Ifigênia e Ixion adquirem uma relevância salutar tanto pelo nível e peso dos seus respectivos repertórios iconográficos como pelo papel que desempenharam na religião e cultos do mundo antigo; por exemplo, Ifigênia no culto de Ártemis e Ixion enquanto supliciado nas figurações de sua punição no Inferno.

Mas dentre esses personagens mitológicos não menos consideráveis, encontramos duas grandes divindades: HERMES e IUNO. IUNO, a excepcional divindade feminina itálica, mereceu um catálogo compatível com a volumosa

quantidade de suas representações nos diferentes suportes materiais, como veremos mais adiante.

Portanto, neste volume do LIMC deparamo-nos com uma diversidade de situações geradoras de um abundante e variado repertório iconográfico, às vezes de um repertório iconográfico específico e de difícil interpretação.

O verbete HERMAPHRODITOS confirma o desenvolvimento acentuado de determinadas representações a partir do século IV a.C. Aileen Ajootian, autor deste verbete, realizou um belo catálogo centrado em esculturas e relevos gregos de bronze e mármore devido à pouca quantidade de pinturas murais e mosaicos figurando HERMAPHRODITOS, comumente representado com as características femininas e masculinas e possuindo como identificação masculina a genitália. No catálogo, o autor nos apresenta as curiosas representações chamadas ANASYROMENOS que constituem um grupo vasto e singular de figuras em bronze, mármore e terracota as quais se caracterizam pelo gesto de levantar a veste e mostrar o órgão genital geralmente ereto.

Outro tipo escultural mais frequentemente ilustrado e conhecido hoje são as estátuas de Hermafroditos dormindo, deitado frontalmente. Estas estátuas causam um curioso impacto visual, pois trata-se de um jogo de representação e manipulação visual baseado na frontalidade da representação: de costas vê-se uma bela mulher e só a frente esclarece ser Hermafroditos pelo órgão genital masculino.

Também interessantes são as figuras de terracota de HERMAFRODITOS dormindo advindas dos túmulos da Grécia e de Alexandria. Aileen Ajootian comenta que as representações de HERMAFRODITOS dormindo desempenharam um importante papel no repertório da iconografia funerária romana.

Como contraponto, Gérard Sie-

bert encarregou-se do verbete HERMES, uma das divindades mais frequentemente representadas na época helênica e cuja existência remonta ao período micênico, como se percebe pelo cuidadoso e detalhado comentário, feito pelo autor, acerca dos tabletès micênicos em linear B que mencionam o nome de Hermes: e-ma-a.

Já as fontes literárias, Gérard Siebert organizou-as a partir do caráter proteifórmico de Hermes e comentou as passagens literárias em relação às representações iconográficas: ele sublinhou as discordâncias e os encontros entre os traços e funções dadas a Hermes por artistas e escritores.

Siebert ressalta o fato da caracterização literária de Hermes ter se constituído a partir de fontes literárias antigas, sendo o Hermes homérico produto desta história milenar. Em decorrência disto, alguns traços e funções constituídas pelo retrato literário são a origem de uma importante iconografia e outros são iconograficamente menos férteis.

O catálogo feito por Gérard Siebert traz uma documentação abundante, rica e variada, colocando em evidência a diversidade das funções de Hermes e sua participação seja nos ciclos heróicos, mitológicos ou na vida cotidiana. Entretanto, ele se deteve na documentação grega; a documentação e o comentário relativos a HERMES (in periferia orientali) acham-se no suplemento do LIMC V e as documentações e comentários do Hermes romano e etrusco, MERCURIUS e TURMS, serão publicados nos verbetes MERCURIUS e TURMS dos próximos volumes.

Uma preciosa documentação diz respeito aos pilares hermaicos, onde o autor destaca uma série de cabeças, pertencentes aos pilares, por tipos estilísticos de acordo com a época de produção. Preciosos, ainda, são os vasos cerâmicos que figuram pilares hermaicos,

principalmente os vasos itálicos, única documentação não grega exposta pelo autor, com as cenas figuradas da fabricação, instalação e transporte dos pilares hermaicos.

Outras duas documentações ímpares referem-se uma à PSYCHOSTASIA e outra à função de Hermes psicopompo.

A cena de PSYCHOSTASIA aparece em um lécito ático de 500 - 480 a.C., onde Hermes pesa as almas em uma balança. Para Hermes psicopompo há uma estela funerária proveniente de Apolônia (Albânia) datada do século III a.C., representando a descida para o Hades em dois registros: no registro superior duas mulheres assistem à partida do morto que desce uma escada posicionada obliquamente até o registro inferior. A escada conduz ao barco de Caronte, alguns degraus mais abaixo está Hermes e, abaixo de Hermes, outro morto pronto para embarcar. De frente para o barco na margem oposta, vemos sentado um juiz infernal e no pé do trono, um EIDOLON.

O comentário conclusivo de Siebert discute alguns pontos problemáticos como: a ubiqüidade iconográfica e associações preferenciais de Hermes; as imagens regionais; a evolução plástica de Hermes; o problema do pilar hermaico; e finaliza com uma considerável análise da linguagem das mãos e do caduceu de Hermes, de suas vestimentas, calçado, chapéu e outros atributos.

Desse modo, Siebert, à altura de Hermes, concluiu um verbete exemplar e pôde abranger não só os aspectos iconográficos como demonstrar os problemas e exigências provenientes do estudo iconográfico.

Com o mesmo espírito, foi feito o verbete HESTIA da autoria de Haganuch Sarian, pesquisadora brasileira e autora também dos verbetes ERINYS publicado no LIMC III e de HEKATE publicado no LIMC VI. Graças a ela, enquanto membro do Comitê Científico

Internacional do LIMC, pudemos contar com a doação dos exemplares do *Lexicon* para a biblioteca do MAE (Museo de Arqueologia e Etnologia da USP).

Sarian aponta em relação a HESTIA um problema crucial no estudo iconográfico e um dado a ser levado em conta: a difícil identificação da personagem decorrente da ausência de atributos ou outros índices característicos.

Devido a tal dificuldade de interpretação Sarian ressalta a importância do apoio das inscrições identificando HESTIA nas imagens bem como das referências literárias e epigráficas que auxiliam na verificação da figura dessa divindade no contexto da imagística grega, acrescentando assim um comentário cuidadoso acerca destas fontes.

O catálogo é pequeno, devido mesmo ao fato do repertório iconográfico de HESTIA não ser abundante, porém significativo e a autora divide-o por temas, apresentando HESTIA na esfera doméstica, na esfera do Olimpo e, por fim, na esfera cívica e política. Uma vez definida a imagem desta deusa, foi possível à autora identificar melhor a natureza e a função de HESTIA através de aproximações recorrentes no repertório iconográfico, com divindades como Zeus, Hermes, Efesto, Posidão e Deméter, Afrodite, Anfitrite e Cariclô, abrindo novas perspectivas de estudo da religião a partir da análise iconográfica.

A HESTIA romana, VESTA, ficou a cargo de Tobias Ficher - Hansen que executou um catálogo baseado nos tipos iconográficos.

Pascale Linant de Bellefonds foi responsável pelo verbete HIPPOLYTOS I. Através da análise do repertório iconográfico de Hipólito feito por Linant de Bellefonds, fica evidente mais uma vez a relevância das peças teatrais no desenvolvimento e a predominância de certos temas.

O mito de Hipólito não deixou

vestígios nos monumentos figurados antes da época clássica, segundo nos informa Linant de Bellefonds, mas a tragédia ática irá introduzi-lo na arte e na literatura. As primeiras representações seguras do mito aparecem só no século IV a.C. em uma série de vasos do sul da Itália, onde se privilegia o fim trágico de Hipólito.

Linant de Bellefonds fez um ótimo comentário das fontes literárias, as peças teatrais, e mostra as diferentes versões do episódio da revelação do amor de Fedra por Hipólito, as quais concordam no episódio da morte de Hipólito.

O catálogo evidencia essa acentuada preferência dada ao episódio da morte de Hipólito, especialmente os documentos itálicos, etruscos e romanos. Os vasos cerâmicos do século IV a.C. constituem a maior parte da documentação itálica, enquanto as urnas em alabastro etrusca do século II a.C. destacam o momento mais violento do episódio: o atropelamento de Hipólito pelos cavalos e pelo carro.

Linant de Bellefonds encerra o verbete com a análise da origem dos temas e das composições iconográficas, acrescenta uma informação indispensável ao citar os relevos votivos áticos do fim do século V e começo do século IV a.C. que tratam não do mito conforme a versão de Eurípides e, sim, de um possível culto antigo de Hipólito: pois, um dos relevos privilegia a ligação do herói com Ártemis e faz alusão à ligação do culto de Hipólito com o de Asclépio.

Presenciamos, então, outro aspecto da iconografia – e outro problema a ser considerado – : sua multiplicidade de informações.

Por outro lado, dois outros verbetes novamente nos reenviam à dificuldade de interpretação e identificação ditada pela escassez do repertório iconográfico ou pela privação de características pessoais, como no caso das HORAI e de HYGIEIA.

O verbete HORAI é da autoria de Vassiliki Machaira e refere-se às HORAI gregas. As HORAE romanas ficaram a cargo de Lorenzo Abad Casal que explorou uma vasta e variada documentação, com destaque para bustos e os belíssimos mosaicos.

A. Casal restringiu-se a catalogar somente as representações de mulheres com atributos sazonais, porque sem esses atributos a identificação não seria precisa na medida que as representações das HORAE poderiam ser confundidas com a das CHARITES, as Graças, as NYMPHAI ou MOIRAI figuradas em grupos tal como as HORAE.

HYGIEIA, a personificação da saúde, teve o verbete redigido por Francis Croissant. O autor logo explicita os critérios que guiaram a execução do catálogo, cuja classificação fundou-se em critérios formais. No comentário conclusivo, Croissant discute a situação histórica dos tipos de HYGIEIA e suas eventuais ligações com os tipos iconográficos diversos de ASKLEPIOS.

Suas conclusões finais fiam-se nos problemas decorrentes exatamente do fato das imagens de HYGIEIA propriamente dita não existirem.

Lilly Kahil, uma das organizadoras do LIMC, é a autora do comentário das fontes textuais e do catálogo do verbete IPHIGENEIA para o mundo grego. L. Kahil contou com a colaboração de Noelle Icard para a execução do catálogo e ambas optaram por dividi-lo em temas.

Contou ainda o verbete IPHIGENEIA com a colaboração de Pascale Linant de Bellefonds para a elaboração da parte relativa à Ifigênia romana e com a colaboração de Ingrid Krauskopf para o tocante à Ifigênia etrusca, IPHICLES. Linant de Bellefonds e Krauskopf seguiram os mesmos critérios de L. Kahil na execução do catálogo.

Novamente se confirma o papel desempenhado pelos poetas trágicos,

pois devido a eles o episódio do sacrifício de Ifigênia será desenvolvido e seus diversos episódios mencionados.

Dois outros verbetes, o de ISIS e IUNO, trazem duas questões próprias ao universo imagístico da antiguidade: o uso de certas estruturas iconográficas bastante remotas mas despojadas de seu significado original – como no caso das representações itálicas de IUNO e IUPPITER DOLICHENUS em pé sobre o dorso dos animais – e a assimilação de uma divindade originária de um contexto religioso exterior (como a helenização de ISIS no mundo grego).

Assim como HERMES, ISIS e IUNO têm suas identidades e imagens definidas por uma tradição religiosa e iconográfica milenar.

Tran Tam Tinh encarregou-se do verbete ISIS e impressionou pela documentação arrolada e pela extensa e detalhada bibliografia. Seu comentário final é rico e ressalta o aspecto da helenização de ÍSIS e suas formas sincréticas como Ísis - Afrodite; Ísis - Deméter; Ísis - Io; Ísis - Fortuna; Ísis - Sótis e Ísis - Fantéia. Tam Tinh chama atenção para a atividade dos autores gregos que por um jogo de equivalência sutil atribuíram a Isis uma ascendência helênica, tornando-a filha de Cronos e Réia ou de Zeus e Hera.

Eugênio La Rocca é o autor do verbete IUNO, divindade de origem latino-falisco que representa as funções femininas. O trabalho de La Rocca é de suma importância tanto pelo rigor como pela riquíssima documentação arrolada. Ele nos fornece todas as fontes literárias latinas que explicaram a função de IUNO além de uma ampla bibliografia.

O catálogo demonstra a variedade e amplitude das representações de IUNO. Dentre elas, destacamos duas: um antefixo falisco de terracota do templo de Vignale em Falerii Veteres, do primeiro decênio do século V a.C., que figura IUNO com um elmo com dois

cornos curvados e orelhas de cabra; e uma placa triangular em bronze com três registros: no centro está a dupla divina IUNO e IUPPITER DOLICHENUS. IUNO em pé no dorso de uma mula e DOLICHENUS em pé no dorso de um touro.

Esta última figuração aparece em uma série de outros relevos e em estatuetas. Sua estrutura assenta-se em um modelo hitita - hurrita que figura a divindade em pé sobre um animal. É interessante notar como essa iconografia foi rapidamente assimilada a Zeus/IUPPITER e HERA/IUNO.

Ao finalizar a leitura do quinto volume do LIMC temos a certeza da complexidade do universo imagístico do mundo antigo bem como da complexidade de algumas questões recorrentes, tais quais: o desenvolvimento de uma tradição literária e iconográfica específica e a relação entre artistas e escritores, ou seja, em que momento e circunstâncias estas tradições coincidem e diferem; o papel do teatro grego nas representações iconográficas do século IV a.C. e sua relevância nas produções do Sul da Itália, em especial na produção dos vasos cerâmicos com cenas figuradas; a questão da ausência ou mesmo escassez de determinadas representações iconográficas.

Enfim, alguns problemas e especificidades que cabem em uma reflexão teórica mais abrangente.

ROSELI FELLONE
Pós - graduação em
Antropologia Social
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo